CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA: MÚLTIPLAS ABORDAGENS SOBRE O RURAL

Flamarion Dutra Alves
Universidade Estadual Paulista – Rio Claro / Programa de Pós-Graduação em Geografia / Núcleo de Estudos Agrários: dutrasm@yahoo.com.br

Enéas Rente Ferreira

Universidade Estadual Paulista – Rio Claro / Programa de Pós-Graduação em Geografia / Núcleo de Estudos Agrários: eneasrf@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

O estudo das bases teórico-metodológicas de uma ciência se faz necessário, para a compreensão dos rumos epistemológicos e entendimento paradigmático, uma vez que os levantamentos bibliográficos mostram um panorama do conhecimento desenvolvido ao longo da trajetória científica.

Na geografia, muitos pesquisadores atuaram no ramo investigativo da epistemologia geográfica, seja no seu escopo total, ou em áreas específicas (climatologia, urbana, rural). Destacamos na geografia agrária os trabalhos desenvolvidos por Gusmão (1978), Diniz (1984) e Ferreira (2002), que serviram de parâmetro para as discussões inicias da pesquisa.

Assim, torna-se necessário acrescentar estudos acerca da questão metodológica da geografia agrária, ou seja, desvendar e explicar quais abordagens metodológicas foram e são utilizadas no estudo do rural.

OBJETIVOS

Nesse sentido, o estudo teve como objetivo geral:

- Analisar as diferentes concepções metodológicas nos estudos da geografia agrária. Como objetivos específicos:

- Discorrer sobre a história do pensamento geográfico paralelamente aos estudos rurais; - Verificar as principais abordagens teórico-metodológicas e suas aplicações na geografia agrária;

- Analisar a geografia agrária brasileira e suas concepções teórico-metodológicas.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa bibliográfica, foram consultadas diversas revistas científicas na área da geografia, dentre elas, estão a Revista Brasileira de Geografia (1939 – 2005), Boletim Geográfico (1943 – 1978), Boletim Paulista de Geografia (1949 – 2010), Boletim de Geografia Teorética (1971 – 1995), Revista Geografia – Rio Claro (1976 – 2010) e Terra Livre (1986 – 2009).

As análises desses periódicos científicos serviram como uma amostra considerável para o entendimento dos rumos da ciência geográfica, pois contemplou a gênese da geografia universitária brasileira na década de 1930, passando pelas transformações e renovações nas décadas de 1960 a 1980, culminando na diversidade teórico-metodológica do século XXI.

O método de análise e interpretação dos textos é o hermenêutico, conforme Gadamer (2003), entendendo o conjunto da obra, a expressão textual e os discursos dos autores, pois dá a noção epistemológica do autor, considerando suas referências teóricas, metodologia, técnicas e momento histórico da obra.

RESULTADOS

A geografia agrária mostrou-se fiel as mudanças paradigmáticas ocorridas na geografia, seguindo a tendência teórico-metodológica vigente. Desta forma, consideram-se três grandes vertentes no pensamento agrário na geografia no Brasil: uma geografia descritiva e eminentemente empírica, que seu auge vai desde a década de 1930 até metade da década de 1960, quando há uma renovação de concepções, com o advento da matemática, cartografia e técnicas estatísticas. A denominada Nova Geografia / Teorética ou Quantitativa teve seu auge entre o final da década de 1960 até metade da década de 1980, quando cedeu espaço para uma geografia crítica, com uma diversidade de referenciais, entre eles o marxismo e as metodologias variadas (dialética, fenomenológica, hermenêutica etc).

Nesse sentido, far-se-á uma breve explicação da geografia agrária desenvolvida no Brasil, nesses momentos históricos, apontando para suas características gerais e contribuições que foram herdadas nos estudos atuais.

GEOGRAFIA CLÁSSICA: Descrição e Indução

Considerando a denominada "Geografia Clássica", os estudos agrários seguiram a linha filosófica positivista, com diversas nuances metodológicas, mas baseadas no positivismo comtiano, da concretude dos estudos através da observação direta, descrição, análise e comparação. Os estudos de geografia agrária seguiram esta vertente, baseados na geografia regional descritiva de Paul Vidal de La Blache, formando escola no Brasil por meio de Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines.

Metodologicamente, este período apresenta um padrão conceitual e técnico nas pesquisas em geografia agrária, uma certa homogeneização metodológica. O predomínio dos estudos regionais, caracterizados pelo método indutivo sob enfoque empírico deu a tônica entre 1939 e 1960 nos periódicos analisados.

A categoria geográfica de análise se centra na paisagem, sendo considerada o objeto de estudo na geografia, esta paisagem é constituída por dois elementos essenciais, natural e cultural. Dessa forma, os trabalhos primavam em detalhar e descrever estes dois elementos fazendo caracterizações físicas e biológicas das regiões, por conseguinte, caracterizar os elementos humanos e culturais.

Os conceitos enfatizados na geografia agrária clássica estavam relacionados com as organizações rurais, como o *habitat*, gêneros e modos de vida, tipos de povoamento e sistema agrícola (Esquema 1).

A metodologia utilizada por Leo Waibel norteou diversas pesquisas sobre o espaço rural brasileiro, nas décadas de 1940 e 1950:

> Com uma metodologia diferenciada, a escola alemã representada por Léo Waibel apresenta um esquema metodológico para a Geografia agrária divido em três grandes eixos: estatístico, ecológico e fisionômico. Todavia, sua base técnica advém dos trabalhos de campo, do método indutivo-empírico, aliada a inserção de dados estatísticos para corroborar o trabalho de campo. (ALVES & FERREIRA, 2008, p.49).

As influências teóricas e metodológicas francesas e alemãs embasaram as pesquisas no Brasil, por isso, do predomínio dos estudos regionais originários de Paul Vidal de La Blache que se difundiram com Pierre Monbeig ou os estudos das paisagens agrárias (econômicas e culturais) de Leo Waibel, que foi o grande mestre de Orlando Valverde.

Características Gerais da Geografia Agrária (1939-1960)

TEORIA E MÉTODO
- **Positivismo Clássico;**
- **Indutivo**
- **Empirismo.**

- **Paisagem;** **-Gênero de vida;**
- **Modos de vida;** **-Região;**
- **Fato Geográfico;** ***-Habitat***

ABORDAGENS
- **Descritiva;** **- Sociológica;**
- **Comparativa;** **- Determinista;**
- **Histórica;** **- Estatística;**

TEMÁTICAS
- **Colonização e Imigração;**
- **Relação Meio Físico– Sociedade;**
- **Produção e sistemas agrícolas;**

TÉCNICAS
- **Trabalho de campo;**
- **Observação e descrição;**
- **Tabelas e Gráficos;**
- **Relatos;**
- **Cartografia.**
-

PRINCIPAIS AUTORES
- **Pierre Monbeig;** **- Pasquale Petrone**
- **Pierre Deffontaines;** **- Preston James;**
- **Caio Prado Júnior;** **- Léo Waibel;**

Síntese: Os estudos regionais procuraram conhecer as diferentes regiões, através das técnicas empíricas, do trabalho de campo (observação e descrição) e fazer co-relações entre aspectos físicos e humanos a fim de entender a paisagem.

Esquema 1 – Características gerais da geografia agrária brasileira, 1939-1960.
Fonte: ALVES e FERREIRA (2008, p.59).

GEOGRAFIA TEORÉTICA: Modelos e tipificações

A revolução quantitativa transformou os estudos descritivos em estudos com modelos e técnicas estatísticas, influenciados pelo geógrafo Ian Burton e pela Teoria Geral dos Sistemas como referência de teórico-metodológica. A filosofia neo-positivista perdurou até final da década de 1970 a metade da década de 1980.

A Nova Geografia, também chamada de Teorética ou Quantitativa foi iniciada no Brasil a partir da década de 1960, utilizando-se de uma abordagem nomotética ou sistêmica de compreender a organização do espaço geográfico, seus padrões e arranjos espaciais, baseadas na Teoria Geral dos Sistemas.

O positivismo lógico e o neo-positivismo são as filosofias que norteiam essa escola do pensamento geográfico, que através de técnicas quantitativas resulta na validação dos resultados. Nesse sentido, a Geografia Quantitativa para Christofoletti (1976, p.3) expressa a "aplicação intensiva das técnicas estatísticas e matemáticas nas análises geográficas, e o procedimento quantitativo pode ser considerado entre as características básicas da Nova Geografia".

A organização do espaço foi a categoria de análise nesse período na geografia, sendo entendida por Moro (1990) como:

> A organização do espaço envolve o estudo das relações, das combinações, das interações, das conexões, das localizações que se processam de forma dinâmica no quadro de uma unidade espacial, entre os diversos elementos que a constituem, bem como as que se verificam entre as unidades espaciais. (MORO, 1990, p. 8).

Ferreira (2002, p.340) caracteriza a Geografia Agrária na Nova Geografia como:

> Modelizada, tipificada, em busca de normas que permitissem a previsibilidade e a intervenção planejada, coerentemente com o domínio de um Estado autoritário, centralizador, intervencionista, com um período de modernização induzida no campo, aceleração do processo de urbanização e mudança do eixo econômico, da agricultura para a indústria. Coerente, ainda, com uma ciência neopositivista voltada para a aplicabilidade imediata dos conhecimentos. (FERREIRA, 2002, p. 340).

A utilização da abordagem sistêmica varia de acordo com cada objetivo proposto pelo pesquisador, é ele que seleciona os elementos e variáveis a serem estudadas. A idéia principal do método sistêmico é de harmonia e hierarquia, as inter-relações dos elementos são constantes e influem direta ou indiretamente no sistema.

GEOGRAFIA CRÍTICA: Marxismo e dialética

A necessidade de enfatizar as questões sociais ganharam relevância na geografia a partir da década de 1980, assim, a base teórico-metodológica calcada no materialismo histórico-dialético, com ênfase nas teorias marxistas, ditou o ritmo dos estudos agrários, principalmente referentes à questão agrária, estrutura fundiária e campesinato.

Os estudos sobre movimentos sociais no rural é outro campo de pesquisa da geografia agrária, que vem se ampliando desde a década de 1990, desde Bernardo Mançano

Fernandes lançar a obra "MST: formação e territorialização em São Paulo" (1996), formando uma linha de força nos estudos em geografia, com base nas pesquisas qualitativas.

Maria do Carmo Galvão (1989) ao comentar o processo de mudança de orientação filosófica, do positivismo lógico-formal para a dialética, ressalta que houve perdas e ganhos para a ciência geográfica, em especial a geografia agrária:

> Em oposição às estruturas analíticas positivas da *New Geography*, protagonista da quantificação e dos modelos então vigentes, a postura dialética materialista, incorporada com entusiasmo e rapidamente difundida (embora nem sempre com o devido respaldo filosófico), promoveu uma orientação total das investigações, polarizando a atenção e o esforço de grande numere de geógrafos, em diferentes instituições de pesquisa do país. Não obstante a forca e o vigor do seu impulso inicial, e o significado de muitos dos trabalhos por ele inspirados, o novo modele em alguns anos se esgotou como processo criativo, permanecendo em sua forma mais radical como via de reprodução, mas não de avanços do conhecimento. (GALVÃO, 1989, p.98).

Galvão (1989) ainda aponta para novos rumos nas pesquisas agrárias em geografia, reportando a relação rural-urbano:

> Há que considerar outras estruturas que não as puramente econômicas viabilizando mecanismos de decisão, controle e gestão, ou seja, instrumentalizando tipos diferenciados de agentes sociais e modalidades diversas de apropriação e organização do espaço - rural e/ou urbano, com suas particularidades. (GALVÃO, 1989, p.99).

Almeida (1988) ao promover a intersecção da geografia, filosofia e a sociedade nos debates teórico-metodológicos aponta a dialética como uma forma metodológica desejada no estudo da questão agrária:

> Verifica-se assim que entre o indivíduo e a sociedade existe uma unidade dialética, uma conexão interdependente. Promover o homem é sempre promover um ser intrinsecamente social, um ser que se torna mais autoconsciente na medida em que se integra na sociedade. (ALMEIDA, 1988, p.3).

O auge da geografia agrária crítica marxista, foi na década de 1980 até meados da década de 1990, quando houve a necessidade de complementar o discurso político e econômico, frente à multiplicidade de temas emergentes no espaço agrário brasileiro.

GEOGRAFIA PLURAL: Diversidade teórico-metodológica

Recentemente, a multiplicidade de temas, teorias, metodologias e técnicas de pesquisa apontam para um pluralismo metodológico na geografia agrária. As temáticas sobre

o rural-urbano concentram inúmeros pesquisadores, que se embasem em teorias de outras ciências (Sociologia, Antropologia, Economia etc) que por vezes não dão um caráter geográfico ao tratar o espaço.

Sobre a geografia agrária plural, Alves e Ferreira (2008b) entendem que não deve existir uma pré-determinação na escolha do referencial teórico-metodológico, mas sim um percepção do objeto de estudo com a categoria de análise geográfica, "[...] uma Geografia Rural Plural, que deixa o autor com uma liberdade para pensar e escolher o seu referencial teórico, não se "amarrando" aos critérios teórico-metodológicos pré-estabelecidos" (ALVES & FERREIRA, 2008b).

Este mosaico de concepções teórico-metodológicas na geografia agrária pode ser analisado conforme as escolas da geografia (Quadro 1), e suas relações com o objeto de estudo, categoria e método de análise.

Quadro 1 - Síntese das categorias de análise e as correntes do pensamento geográfico.

	Categoria Prinicpal	**Objeto de estudo**	**Conceitos operatórios freqüentes**	**Método de na análise**
Geografia Clássica	Paisagem (Natural e Cultural)	Natureza se impõe ao homem N → H	Região, Área	Indutivo-Empírico-Descritivo
Geografia Quantitativa	Espaço (organizado)	Natureza e homem em equilíbrio – sistêmico N ←→ H	Região, (Geo)Sistema	Dedução-modelagem-estatístico
Geografia Crítica	Espaço (produzido) Espaço (vivido)	Homem produz e transforma a natureza H → N	Território, Lugar, Paisagem	Dialético-histórico-percepção
Geografia Plural	Espaço (multidimensional / complexo)	Homem produz e transforma a natureza que serve o homem H → N → H	Território, Lugar, Região, Paisagem	Ecletismo-Pluralismo

Organização: Flamarion Dutra Alves

Entre as múltiplas concepções metodológicas sobre o rural, destacam-se as abordagens culturalistas (gênero, percepção comportamental, identidade, patrimônio etc), ambiental (agroecologia, preservação, percepção ambiental, monoculturas etc), agrícolas (agricultura familiar, modernização, meio técnico científico-informacional etc) entre tantas temáticas que envolvem este campo de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas breves considerações sobre as concepções metodológicas da geografia agrária, verificamos uma diversidade de filosofias e teorias que foram empregadas nos estudos e sempre quando um novo paradigma se estabeleceu, houve o desuso ou a diminuição da antiga vertente teórico-metodológico.

Percebeu-se isso na geografia clássica, com a tradição francesa da geografia regional que perdurou até meados da década de 1960, entretanto sua herança permanece até os dias de hoje, seja pela divisão entre aspectos humanos e físicos ou pelas caracterizações das paisagens observáveis em trabalhos de campos empíricos.

O acúmulo de conhecimento adquirido nos estudos empíricos através da indução, para muitos, não foi suficiente para dar a geografia o *status* de ciência. Havia a necessidade de outras técnicas, teorias e métodos a serem acrescidas no bojo epistemológico da geografia, foi com a quantificação, modelização e tipificações que a geografia ganhou um rigor cientifico, e tornou suas pesquisas em averiguações de hipóteses e deduções.

O método hipotético-dedutivo prevalece com força nos estudos atuais na geografia, não necessariamente por meio da quantificação ou pela abordagem sistêmica, mas é um mecanismo de atingir os resultados esperados.

Portanto, o que se delineou no final do século XX, foi à urgência de novas conexões com outras ciências, pois o esquema metodológico positivista e neo-positivista manteve a geografia como ciência de síntese e de tratamento de hipóteses. Entretanto, não se deve desconsiderar todo conhecimento adquirido ao longo do tempo, nem mesmo esquecer-se de conceitos-chave, como gênero de vida, fato geográfico ou organização do espaço.

Por isso, a geografia crítica e plural deve estabelecer interligações com o passado da ciência geográfica, e entender a dinâmica atual com todo conhecimento que foi construído por ela, e que por muitos não a conhecerem seu passado, se embasam com fundamentos de outras ciências, sendo que a solução está na própria geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Orlando Francisco da Rocha. A questão agrária no Brasil: um exemplo de interdependência entre Filosofia, Ciência Geográfica e Sociedade. p.1-37. *In:* **Boletim Goiano de Geografia**. v.7-8, n.1-2, 1988.

ALVES, Flamarion Dutra & FERREIRA, Enéas Rente. Elementos metodológicos da geografia agrária clássica: a produção em periódicos brasileiros. p.43-61. *In:* **GEOUERJ**. v.2, n.18, 2008a.

_____. Pressupostos teórico-metodológicos da geografia rural brasileira: evolução e tendências. p.1-14. *In:* Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico,v.1. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2008b.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As características da nova geografia. *In:* **Geografia**. v.1, n. 1, abr. de 1976.

DINIZ, José A. F. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: DIFEL, 1984.

FERNANDES, Bernardo M. **MST**: Formação e territorialização. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 285p.

FERREIRA, Darlene Aparecida de O. **Mundo Rural e Geografia**. Geografia agrária no Brasil: 1930-1990. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 5.ed. Tradução Flávio Paulo Maurer. Petrópolis: Vozes, 2003.

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Questões e desafios para a investigação em geografia agrária. p.92-105. *In:* **GEOSUL**. v.4, n.7, 1989.

GUSMÃO, Rivaldo Pinto. Os estudos de geografia rural no Brasil: revisão e tendências. *In:* Encontro Nacional de Geógrafos, v.3. **Anais...** Fortaleza: AGB, 1978.

MORO, Dalton Aureo. A organização do espaço como objeto da geografia. p.1-20. *In:* **Geografia**, Rio Claro, v.15, n.1, 1990.